

A PRESENÇA DA LITERATURA NEGRA NA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA E NO COMBATE AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Júlia Karem de Paula Pereira¹
Jocicleia Souza Printes²

RESUMO

O presente artigo aborda o enfrentamento ao racismo na primeira infância, tendo como foco a presença da literatura negra na formação do imaginário infantil. O estudo teve como objetivo geral promover a discussão sobre o racismo na educação infantil por meio de mediação literária com livros de autoria negra e/ou protagonismo de personagens negros. Como objetivo específico, buscamos compreender como o racismo se manifesta no imaginário infantil e de que forma as representações construídas desde a infância influenciam a percepção do outro; contribuir para a formação da identidade do eu, do outro e do nós e o respeito às diferenças; e ampliar o acesso de livros de autoria negra e com protagonismo negro. A pesquisa possui abordagem qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico sobre educação infantil, mediação literária e literatura infantil, além de trabalho de campo, com crianças de 4 e 5 anos. As ações envolveram rodas de conversa e mediações literárias com livros selecionados a partir de cuidadosa curadoria do acervo do Laboratório de Infâncias, Arte e Formação de Professores. Os resultados constataram que a literatura infantil se constitui como uma potente aliada para o enfrentamento do racismo, contribuindo para práticas educativas antirracistas desde a educação infantil.

Palavras-Chave: Educação infantil; Mediação literária; Antirracismo.

RESUMEN

Este artículo aborda la lucha contra el racismo en la primera infancia, centrándose en la presencia de la literatura negra en la formación de la imaginación infantil. El objetivo general del estudio fue promover el diálogo sobre el racismo en la educación infantil a través de la mediación literaria con libros escritos por personas negras o con personajes negros. Específicamente, buscamos comprender cómo se manifiesta el racismo en la imaginación infantil y cómo las representaciones construidas desde la infancia influyen en la percepción del otro; contribuir a la formación de la identidad propia, ajena y colectiva, y al respeto por las diferencias; y ampliar el acceso a libros escritos por personas negras y con protagonistas negros. La investigación emplea un enfoque cualitativo, basado en una revisión bibliográfica sobre educación infantil, mediación literaria y literatura infantil, así como en trabajo de campo con niños de 4 y 5 años. Las actividades incluyeron círculos de debate y mediación literaria

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Contato jkdpp.ped22@uea.edu.br

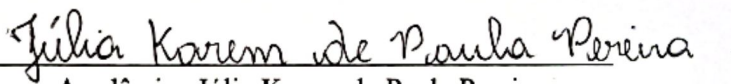
² Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Contato jprintes@uea.edu.br

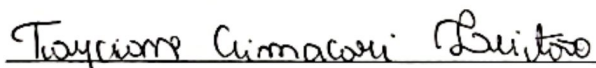
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE PEDAGOGIA
9º PERÍODO – VESPERTINO – TURMA PM22_ B01

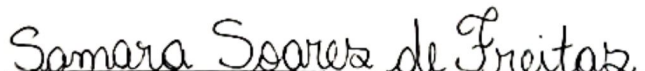
ATA DO SEMINÁRIO DE SOCIALIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Aos dezesseis dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e seis, precisamente às 16 horas, na sala da Pós-Graduação, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, localizado à Avenida da Amizade, 74, Centro, no município de Tabatinga/Am, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico - Regulamento do TCC (Curso de Pedagogia), Art. 16º. “Os Seminários de Socialização são de caráter público”, reuniram-se os acadêmicos do Curso de Pedagogia – 9º período vespertino, turma PM22_ B01, para o **Seminário de Socialização da Monografia – TCC** intitulado “A presença da literatura negra na formação do imaginário da criança: construído diálogos sobre o enfrentamento do racismo na educação infantil”, elaborado por Júlia Karem de Paula Pereira, sob a orientação da Prof.^a Dra. Jocicleia Souza Printes (presidente da banca), o qual foi avaliado pelas professoras Tayciane Aimagari Leitão (Av.1) e Samara Soares de Freitas (Av.2), que fazem parte da comissão de avaliação conforme composição transcrita abaixo, bem como a avaliação final da apresentação.

ACADÊMICA	NOTAS DAS AVALIADORAS		Nota final
	Aval. 1	Aval. 2	
Júlia Karem de Paula Pereira	10,0	10,0	10,0


Acadêmica Júlia Karem de Paula Pereira


Avaliadora 1 Prof.^a Tayciane Aimagari Leitão


Avaliadora 2 Prof.^a Samara Soares de Freitas

Tabatinga, 16 de junho de 2026.

con libros seleccionados de una cuidadosa colección del Laboratorio de Infancias, Arte y Formación Docente. Los resultados mostraron que la literatura infantil es una poderosa aliada en la lucha contra el racismo, contribuyendo a prácticas educativas antirracistas desde la primera infancia en adelante.

Palabras clave: Educación infantil; Mediación literaria; Antirracismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da temática do enfrentamento ao racismo na primeira infância. Tivemos como objetivo geral promover a discussão sobre o racismo na educação infantil por meio de mediação literária com livros de autoria negra e/ou protagonismo de personagens negros. Tivemos como objetivos específicos compreender como o racismo se manifesta no imaginário infantil e de que forma as representações construídas desde a infância influenciam a percepção do outro; contribuir para a formação da identidade do eu, do outro e do nós e o respeito às diferenças; e ampliar o acesso de livros de autoria negra e com protagonismo negro.

Para nós, como futuros pedagogos e professores que estaremos nas escolas organizando as condições para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, precisamos de letramento racial para identificarmos de qual maneira o racismo é introduzido na vida das crianças e entender como este processo de representação constrói um significado para si e para outro.

O tema racismo na educação infantil foi escolhido pela experiência como mediadora de leitura no Programa de Extensão Literatura Infantil e Mediação Literária: promoção de encontros entre livros, narrativas e crianças e a partir da vivência do ato do racismo dentro do convívio familiar. Durante os encontros com as crianças nas escolas, surgiam oportunidades de discussões sobre o tema por meio dos livros lidos, com histórias que tinham personagens negros e negras.

É comum que a imaginação da criança seja povoada por histórias e contos onde só exista princesas e príncipes brancos, sereias brancas, fadas brancas. Os livros com personagens negros suscitavam outros olhares, trazendo para a roda de conversas as diferenças sobre as pessoas e as culturas.

Esta proposta de pesquisa foi pensada para crianças da faixa etária de 4 a 5 anos de idade, público-alvo da Educação Infantil pré-escolar, onde as crianças estão em pleno desenvolvimento das funções psíquicas superiores,

como a fala, o pensamento, a memória, a atenção e a imaginação (Vigotski, 2009). As crianças têm muitas perguntas e tem interesse pelo mundo social ao seu entorno, desejando entender como as pessoas se organizam e como desenvolvem papéis na sociedade.

Com este trabalho buscamos oferecer contribuições para o conhecimento dessas crianças – ajudando-as tanto nas expressões, no diálogo, na construção coletiva, na interação social, na compreensão de diferenças entre elas e o próximo, pois independentemente da cor da nossa pele, da textura e forma do nosso cabelo, somos dignos de respeito. Além disso, destacamos que o contato das crianças com livros onde os protagonistas são negros contribui para a representatividade, que é tão importante na formação da identidade.

Acreditamos na importância de tratar sobre este assunto com as crianças desta faixa etária pois enriquece não só o repertório delas, como também trabalha na formação da identidade, da autoestima e da prevenção de reprodução de preconceitos. Sendo um espaço integrador externo de ensino-aprendizagem, a escola tem um papel fundamental neste processo de autoconhecimento.

Segundo Gomes (2005a, p.32), o racismo se manifesta desde a infância, influenciando a forma de como crianças negras se veem e são vistas. Concordamos com a autora quando destaca que o enfrentamento ao racismo precisa começar desde os primeiros anos da vida escolar, pois é nesse momento que se estrutura a construção da identidade e do pertencimento social. Gomes afirma também que a educação antirracista exige a valorização das culturas afro-brasileiras e africanas no cotidiano escolar, e isso só é possível com ações intencionais dos educadores, inclusive no uso de materiais didáticos e literários.

Ribeiro (2017, p.48) alerta para a ausência de representações positivas de pessoas negras em materiais didáticos, literários e midiáticos, o que reforça estereótipos e contribui para a exclusão simbólica. Crianças negras precisam se ver em posições positivas, humanas e protagonistas nas narrativas que consomem.

A Lei n 10.639/03, alterada pela Lei n 11.645/08, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os níveis de ensino. Segundo Munanga (2005, p.12), essa legislação não é apenas um marco legal,

mas uma resposta às demandas do movimento negro, que exigem a valorização da história e cultura afrodescendente.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos a metodologia de natureza qualitativa, realizada mediante levantamento bibliográfico sobre as temáticas educação infantil, literatura infantil e mediação literária. A metodologia utilizada busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais e culturais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos (Minayo, 2013).

Foi realizado trabalho de campo em uma escola municipal pública do município de Benjamin Constant que atende crianças de 4 e 5 anos público-alvo da educação infantil, no período de dois meses, com oito encontros, uma vez por semana. Para realizar as sessões de mediações literárias, foi necessário realizarmos curadoria de livros que atendam à temática a partir do acervo do Laboratório de Infâncias, Arte e Formação de Professores – LABINFAP e organizamos rodas de conversa com as crianças da pré-escola, utilizando a pesquisa participante e a observação das ações, reações e diálogos estabelecidos durante os encontros.

Para estruturar nosso texto, pesquisamos sobre a literatura infantil e o trabalho com mediação literária com livros de autoria negra e/ou protagonismo negro, em banco de teses, artigos e monografias, destacando o importante papel da bibliodiversidade na formação das crianças.

BREVES APONTAMENTOS SOBRE LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil no Brasil representa bem mais que histórias para crianças. Ao longo dos anos, ela deixou de estar a serviço do ensino, da moralidade e da formação de bons hábitos para entrar na discussão literária de qualidade textual, de imagem e de projeto gráfico, trazendo contribuições para a formação humanizadora das crianças, favorecendo o desenvolvimento do pensamento, da fala, da memória, da atenção, da imaginação e da descoberta de ricas e diversas experiências (Vigotski, 2009), contribuindo para formação de um olhar sensível sobre o mundo, bem como o conhecimento da riqueza das narrativas brasileiras.

Segundo Coelho (1991. p, 115), a literatura infantil no Brasil tem sua origem ligada a contextos históricos coloniais, com influências advindas da

Europa, como os contos dos irmãos Grimm e Charles Perrault. De início, as histórias que eram destinadas para as crianças não eram pensadas de forma que pudessem ter a intenção de promover o desenvolvimento crítico e cultural para os pequenos leitores, mas pensadas para transmitir valores morais, disciplina e religião. Durante o período colonial e imperial, os livros infantis eram raros e quando eram disponíveis, eram importados da Europa, principalmente da França e de Portugal, o que fazia com que as histórias não dialogassem com a realidade sociocultural das crianças brasileiras.

Ressaltamos a importância da história dialogar com a realidade social das crianças, pois entendemos como os livros têm o poder de formar leitores críticos desde muito cedo, por isso, precisamos considerar a escolha de livros que valorizem a nossa cultura, nossa diversidade e fortaleça a identidade de cada criança, pois será nesse universo literário que encontraremos a possibilidade de transformar a educação em um espaço mais humano, plural e significativo.

Conforme explica Cademartori (2010), a criação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI no Brasil, é um marco para a literatura, pois possibilitou a circulação de livros no país, ainda que o acesso fosse restrito às elites. Segundo a autora, a literatura infantil brasileira tem seu marco no trabalho de Monteiro Lobato, que rompe com a literatura a serviço do ensino e apresenta uma variedade de personagens que conquistaram o público.

As obras de Monteiro Lobato ignoravam o moralismo tão presente nas obras destinadas às crianças, preocupadas com a formação moral oficial, os preceitos religiosos e as normas estatais. Lobato introduz personagens, cenários e temas que dialogavam com a cultura e o imaginário brasileiro, como – *Sítio do Picapau Amarelo, Dona Benta, Emília e Tia Nastácia*.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (Cademartori, 2010, p. 51).

No entanto, a obra de Lobato tem sido alvo de muitos debates, sendo analisada e discutida por conter estereótipos e vocabulários pejorativos relacionadas aos personagens negros, especialmente os textos sobre tia

Anastácia e tio Barnabé, frequentemente descritos como subservientes, supersticiosos, ingênuos e ignorantes, em oposição aos personagens brancos, tidos como eruditos e dignos de respeito e admiração. Lajolo (1998, p. 1) já trazia para o debate estas análises, citando trechos da obra de Lobato:

Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena ganha as primeiras atenções: ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves, mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha, emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social. Ao longo da obra infantil lobatiana, a exceção ao carinho brincalhão que a cerca vem sempre pela boca da Emília, que em momentos de discussão e desentendimento, desrespeita a velha cozinheira, como sucede em algumas passagens de Histórias de Tia Nastácia:

Pois cá comigo, disse Emília, só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras, coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto! Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os vivos têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora! Emília, Emília! - ralhou Dona Benta. A boneca botou-lhe a língua.

Reconhecemos a contribuição de Monteiro Lobato para a história da literatura infantil no Brasil, mas não podemos deixar de problematizar os problemas presentes na sua obra. As muitas críticas que são dirigidas aos textos de Lobato na atualidade incidem sobre as falas de cunho racista e a inferioridade dos personagens negros nas histórias. Professores que trabalham com mediação literária precisam ser leitores atentos e críticos e ter condições de fazer escolhas de livros que contribuam para a formação integral das crianças, livre de preconceitos.

Após Lobato, a literatura infantil se expandiu, especialmente após a década de 1970, com políticas de incentivo às leituras, crescimento do mercado editorial e ampliação de pesquisas sobre infância. Autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós, Ziraldo e, um pouco mais recentemente, escritores de diferentes matrizes culturais – incluindo autores negros e indígenas – passaram a dar maior diversidade temática e estética às obras para crianças. Com o passar do tempo, a literatura infantil passou a ser tema para pesquisas de estudos e debates (Cademartori, 2010).

A ampliação das pesquisas sobre literatura infantil tem apontado que ler para/com uma criança de qualquer idade é fundamental para contribuir para o desenvolvimento do pensamento, da fala, da imaginação, da criatividade, do raciocínio, da empatia, do respeito e de uma visão de mundo melhor. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), a literatura é fundamental para formação de leitores críticos e reflexivos e deve ser oferecida por meio de vivências com diferentes gêneros e a apropriação de conteúdos culturais.

Além de ter uma importância para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, o contato com a literatura amplia o repertório cultural. Se lermos para/com uma criança, despertamos nela a autonomia leitora, mesmo que seja somente uma leitura imagética, ajudamos a ver o mundo com outro olhar. Por esse ângulo, aquela criança que tem o hábito da leitura, amplia a expansão do domínio linguístico, da compreensão da função social da escrita, aumenta e enriquece vocabulário e forma uma visão crítica de enxergar as coisas ao seu redor.

Na atualidade, a literatura infantil vem se constituindo de forma rica e diversificada, com uma grande bibliodiversidade literária em nosso país, com produções de livros com qualidade estética, textual, imagética e projeto gráfico, preocupados com o atendimento das diferentes faixas etárias e temas da diversidade cultural e étnico-racial. Para que o livro chegue de forma cativante que envolva as crianças, é necessário um bom trabalho de mediação literária que aproxime a criança e o livro.

MEDIAÇÃO LITERÁRIA

A mediação literária tem o objetivo fundamental de aproximar o leitor da obra de forma crítica, afetiva e autônoma. A mediação inserida na rotina diária das crianças desempenha um papel essencial na formação das funções psíquicas superiores, como a fala, o pensamento, a atenção, a memória e a imaginação (Vigotski, 2009).

Como afirma Cosson (2014), a mediação é o que transforma a leitura em experiência, evidenciando que o papel do mediador é criar condições para que o leitor atribua sentidos e se aproxime da literatura de maneira significativa. De acordo com o autor, a mediação literária tem o poder de transformar a leitura em

uma verdadeira experiência, onde o mediador – que pode ser o professor, um familiar ou qualquer adulto que conduza o momento da leitura – tem um papel fundamental em criar condições em que a criança possa compreender, atribuir significados e se envolver com a leitura de maneira profunda e significativa.

De acordo com Colomer (2007), a literatura infantil exige um trabalho cuidadoso de apresentação, pois a criança faz uma leitura integrada entre texto verbal e texto visual. Para a autora, o mediador precisa considerar que a ilustração não é somente para enfeitar, mas um componente narrativo que orienta a interpretação. Assim, a mediação deve estimular a criança a observar, comentar, comparar e imaginar a partir das ilustrações, criando um ambiente de diálogo e descoberta.

A importância dessa atitude dialógica também é destacada por Reyes (2010), que defende a leitura como uma prática afetiva. Segundo a autora “os livros se tornam significativos quando entram em sintonia com a voz, o olhar e a escuta do adulto que acompanha a criança” (p. 31). Reyes sublinha que o mediador é responsável por criar situações de leitura acolhedoras, onde as emoções, perguntas e descobertas das crianças são valorizadas. Essa postura favorece a construção de vínculos duradouros com a literatura e contribui para que a criança desenvolva segurança para expressar suas interpretações.

O trabalho de mediação envolve reconhecer o livro como um objeto estético completo. Aguiar e Bordini (1988) destacam que “o livro infantil é uma obra construída na interdependência entre texto e imagem”, ressaltando que o mediador deve explorar com as crianças a materialidade da obra — capa, cores, traços, enquadramentos, texturas e a própria sequência narrativa. Esse olhar mais atento fortalece a sensibilidade artística e ajuda a criança a compreender que a literatura é uma forma de arte que mobiliza múltiplas linguagens.

Trazendo para o lado da literatura negra, a mediação literária adquire uma dimensão ainda mais profunda e politicamente necessária. Gomes (2003) afirma que a escola tem papel central na reconstrução positiva da identidade da criança negra, e que o contato com narrativas protagonizadas por pessoas negras contribui para o enfrentamento do racismo e para a formação de identidades mais seguras. Assim, o mediador literário precisa estar atento às representações presentes nos livros, problematizando estereótipos e valorizando produções que afirmem a diversidade étnico-racial.

Nesse sentido, a mediação literária de obras afrocentradas ou com protagonismo negro exige sensibilidade ética e compromisso antirracista, uma vez que envolve não apenas apresentar o livro, mas dialogar sobre identidade, pertencimento, beleza e autoestima. Além disso, autores como Graça Paulino (2008) destacam que a mediação precisa considerar a criança como sujeito ativo do processo de leitura. A partir da ideia de Paulo Freire, surge a ideia de que a criança lê com seus olhos, mas também com sua história e suas referências. Por esse ângulo, o mediador deve estimular perguntas, comentários, comparações e interpretações livres, reconhecendo a potência criadora das crianças pequenas.

Dessa forma, a mediação literária é entendida como uma prática pedagógica intencional, estética e socialmente comprometida, que vai além da leitura mecânica de histórias. Ela implica criar experiências significativas com os livros, ampliar repertórios culturais, promover a sensibilidade visual e narrativa e, sobretudo, garantir que as crianças tenham acesso a narrativas diversificadas, potentes e representativas. No caso da literatura negra, essa mediação se torna fundamental para a construção de práticas educativas antirracistas, capazes de transformar o imaginário infantil e contribuir para a formação de sujeitos mais críticos, empáticos e conscientes.

LITERATURA DE AUTORIA NEGRA

As lutas históricas da população negra têm trazido luz para o tema da representatividade. As crianças negras precisam de referências de artistas, brinquedos e livros que destaquem a beleza e a força da população negra, ocupando espaços de poder e protagonismo.

O avanço legal e de políticas públicas equitativas tem contribuído para o crescimento da publicação de autoria negra, reconfigurando o campo literário a partir da perspectiva da própria população negra, que pode contar suas histórias sob seu ponto de vista, que pode falar do lugar que vive, de suas dores, alegrias e conquistas, oportunizando outras epistemologias, deslocando da visão eurocentrada que nos acostumamos a encontrar nos contos tradicionais, oferecendo novas possibilidades de identificação, imaginação e construção de subjetividades.

Na literatura infantil, esse movimento tem um peso enorme da formação da identidade, do eu, do outro e do nós, como aponta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). A criança negra precisa se ver positivamente representada para construir uma imagem de si com confiança e com autoestima. As histórias com protagonismo positivo de personagens negros contribuem no enfrentamento do racismo desde a infância, fomentando o respeito às diferenças, ampliando o repertório de todas as crianças ao apresentar culturas, estéticas e modos de vida diversos, favorecendo o respeito e a convivência democrática.

A diversidade literária é entendida como um direito. Conforme aponta Gomes (2005b), a escola deve garantir o acesso às múltiplas narrativas que compõem a sociedade brasileira, valorizando a produção intelectual negra em suas várias expressões. Isso inclui apresentar às crianças livros que tragam protagonistas negros, histórias inspiradas em matrizes africanas, mitologias afro-brasileiras, cenas do cotidiano e experiências que rompam com estereótipos ainda presentes na produção comercial.

Outro ponto fundamental é a expansão de editoras e coletivos que publicam literatura negra, como a Mazza Edições, a Editora Malê e o coletivo Pretinhas Leitoras, que contribuem para a circulação dessas narrativas. Essa ascensão editorial reforça o que Sodré (1988) já defendia: “a cultura negra produz símbolos, imagens e discursos que precisam ser legitimados como parte integrante da identidade nacional” (p. 55). Assim, a literatura de autoria negra não apenas amplia o cenário literário, mas desafia paradigmas e tensiona estruturas históricas de exclusão.

Ao apresentar às crianças livros de autores negros, a escola cumpre um papel social e político relevante. A presença dessas narrativas ajuda a desconstruir imaginários racistas, amplia horizontes culturais e permite que meninos e meninas encontrem personagens e histórias que representem a pluralidade do Brasil. Como afirma bell hooks (2019), a representatividade importa porque cria espaços onde sujeitos antes invisibilizados podem existir plenamente. Esse processo não beneficia somente crianças negras, mas todas as crianças, pois as ensina a conviver com a diferença e a reconhecer a humanidade em suas múltiplas formas.

Assim, a literatura de autoria negra constitui uma potente aliada na construção de práticas educativas antirracistas. Suas narrativas afirmam identidades, valorizam histórias que foram silenciadas e oferecem às crianças uma visão mais ampla, crítica e justa do mundo. Ao construir repertórios mais diversos, a escola contribui para transformar relações sociais e formar leitores sensíveis, conscientes e capazes de imaginar futuros em que a equidade racial seja possível.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos ao longo dos oito encontros com a turma de Pré II evidenciam que a mediação literária, quando realizada a partir de uma curadoria consciente de obras que valorizam personagens negros, culturas africanas e afro-brasileiras, constitui-se como um potente espaço para a construção da identidade, ampliação do repertório cultural e problematização do racismo na educação infantil.

A participação ativa das crianças, expressa por meio de falas, questionamentos e produções artísticas, confirma o que autores como Colomer (2007) defendem, ao afirmar que a literatura, quando mediada, favorece a formação do leitor e a construção de sentidos sobre si e sobre o outro. As rodas de conversa mostraram-se espaços privilegiados de escuta, nos quais as crianças puderam expressar percepções, reconhecer diferenças e ressignificar imagens historicamente estigmatizadas, corroborando a ideia de que a leitura literária vai além do entretenimento, atuando diretamente na formação do imaginário infantil.

A valorização da identidade negra observada nas falas e produções das crianças dialoga com os estudos de Gomes (2003; 2005a; 2005b), que enfatiza a escola como espaço central na construção das identidades raciais. Segundo a autora, práticas pedagógicas que reconhecem a diversidade contribuem para o fortalecimento da autoestima de crianças negras e para a desconstrução de estereótipos.

Nesse sentido, ao entrarem em contato com os livros que apresentam protagonistas negros de forma positiva, as crianças ampliaram suas referências simbólicas, rompendo com a hegemonia de representações brancas ainda

predominantes na literatura infantil. A reflexão inicial sobre o racismo, percebida nas perguntas e comentários das crianças, confirma que, mesmo na primeira infância, elas já constroem percepções sobre diferenças raciais.

Desse modo, os encontros possibilitaram justamente o oposto: a abertura de um espaço de diálogo, no qual a literatura funcionou como mediadora para tratar, de forma sensível, temas como pertencimento, diferença e respeito. As produções artísticas (desenhos, colagens e pinturas) mostraram-se importantes meios de expressão simbólica, permitindo às crianças reelaborarem as narrativas literárias a partir de suas vivências.

Conforme aponta Abramovich (1997), a criança não apenas escuta histórias, mas as reconstrói internamente, atribuindo-lhes novos significados. Nesse processo, a arte potencializa a leitura, pois transforma a escuta em criação, favorecendo a internalização das mensagens de valorização identitária e diversidade cultural.

A ampliação da representatividade e do repertório cultural observada nos encontros reforça a defesa de Munanga (2005) de que a educação das relações étnico-raciais deve promover o reconhecimento da história e da cultura negra como constituintes da sociedade brasileira. Ao trabalharem com livros de autoria negra e temáticas afrocentradas, as mediações contribuíram para deslocar narrativas eurocêtricas, oferecendo às crianças novas possibilidades de identificação e pertencimento.

A partir das leituras, estudos, curadoria dos livros e encontros com as crianças, concluímos que a bibliodiversidade não só é necessária para a formação do leitor, mas se constitui como um direito da criança. Durante todo o processo, as crianças participaram ativamente, demonstrando interesse pelas propostas e curiosidade pelos livros, fazendo questionamentos sobre as histórias durante as mediações e rodas de conversas.

Contribuir para a formação da identidade das crianças, a valorização da cultura negra e o combate ao racismo é um trabalho educativo que deve permear o planejamento do professor, que precisa estar atento para ajudar as crianças, desde cedo, a enfrentar o racismo estrutural da nossa sociedade. Dessa forma, os resultados da pesquisa evidenciam que a literatura infantil, quando intencionalmente mediada, constitui-se como uma aliada no enfrentamento ao racismo desde a educação infantil.

A pesquisa de campo ocorreu em uma escola pública no município de Benjamin Constant -AM, no período de dois meses, com oito encontros, uma vez por semana. As crianças tinham a faixa etária de 4 a 5 anos de idade. Ao longo dos encontros, trabalhamos com os livros: *“Meu crespo é de Rainha”*, autoria da bell hooks; *“Amoras”*, autoria do Emicida; *“E foi assim que eu e a escuridão ficamos amiga”*, autoria do Emicida; *“Quero colo”*, autoria de Stela Barbieri e Fernando Vilela; *“Será?”*, autoria de Lulu Lima e Amma; *“Que cor é a minha cor?”*, autoria de Martha Rodrigues e Rubem Filho; e *“Meninas negras”* Madu Costa (Maria do Carmo Ferreira Costa) e Rubem Filho.

Os livros selecionados são de autoria negra e/ou protagonistas negros. Além da mediação literária cuidadosa e atenta, oportunizando que as crianças pudessem se expressar, contribuir e contar as próprias histórias que relacionavam com as narrativas apresentadas, também elaboramos algumas propostas de trabalhos artísticos, utilizando um material que dialogava com a nossa discussão: lápis de cor, giz de cera, tinta guache e massinha de modelar de uma linha chamada “cor de pele”. Os materiais, com diferentes tons de pele, permitiram que discutíssemos com as crianças a ideia comum de chamar o lápis bege claro de “lápis cor de pele”. O material foi disponibilizado pelo Laboratório de Infâncias, Arte e Formação de Professores – LABINFAP/UEA/CESTB.

Durante as atividades, o uso desses materiais (massa de modelar, lápis de cor, canetinhas, cola e tinta guache nos tons de pele) trouxe representatividade para o desenho e pintura da pele. As crianças demonstraram um encantamento especial, pois foi a primeira vez que tiveram contato com materiais que simbolizassem a variedade das cores de pele, o que as deixou muito animadas e ansiosas para participarem das atividades, gerando um ambiente muito positivo e participativo.

Inicialmente, realizamos a proposta “Espelho mágico: valorizando nossas cores”, trabalho no qual foi oferecido um espelho para que elas pudessem se olhar e descrever suas características, como a cor dos olhos, do cabelo e da pele, e relatar o que sentiam ao se ver. Algumas crianças relataram com clareza o que viam e o que gostavam em si. Falaram especialmente da cor dos olhos, o formato e a textura do cabelo. Esse momento foi fundamental, pois permitiu que elas reconhecessem e valorizassem suas características, construindo uma percepção mais positiva de si mesmas.

Durante os encontros, trabalhamos com recorte e colagem, pintura, desenho e modelagem, relacionando as propostas às histórias narradas nas sessões de mediação literária. Essas propostas ampliavam o diálogo, porque as crianças continuavam falando sobre a história durante a realização das propostas artísticas.

A cada encontro, à medida que as crianças se sentiam mais confiantes, ficavam mais participativas, faziam perguntas e comentários. Muitas vezes, se identificavam com o personagem, apontando, por exemplo “o cabelo dela é igual o meu” ou “ele é da minha cor”, mostrando que a representatividade dos personagens estava, de fato, criando um vínculo com a própria identidade delas.

As experiências vivenciadas pela turma demonstraram que é possível promover, ainda na primeira infância, práticas educativas que fortaleçam identidades, ampliem o imaginário social e contribuam para uma formação de sujeitos mais conscientes, críticos e respeitosos diante da diversidade. O trabalho desenvolvido em sala de referência alcança não somente as crianças negras, mas todas as crianças, criando um espaço de respeito e empatia e promovendo práticas antirracistas desde a primeira infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como a literatura infantil, especialmente de autoria negra, pode contribuir para a formação do imaginário da criança e para o enfrentamento do racismo na educação infantil. A partir das mediações literárias realizadas com uma turma de Pré II, foi possível constatar que a inserção intencional de obras que valorizam a cultura negra e a diversidade étnico-racial promoveu experiências significativas para as crianças.

Os resultados evidenciaram que, ao longo dos oito encontros, as crianças demonstraram envolvimento, participação ativa e interesse pelas histórias, expressando-se por meio de falas, questionamentos e produções artísticas. Essas manifestações revelaram avanços na valorização da identidade negra, na ampliação da representatividade e do repertório cultural, bem como no surgimento de reflexões iniciais sobre o racismo.

Tais achados confirmam que a literatura, quando mediada de forma crítica e sensível, constitui-se como uma importante aliada no trabalho com as relações

étnico-raciais desde a primeira infância. Dessa forma, conclui-se que a mediação literária realizada a partir de uma curadoria consciente de livros infantis, contribui efetivamente para a construção de práticas educativas antirracistas, possibilitando às crianças o contato com narrativas que rompem estereótipos e fortalecem o reconhecimento positivo da diversidade.

A pesquisa demonstrou que ações como rodas de conversa e propostas artísticas com materiais adequados potencializam esse processo, favorecendo a escuta, a expressão e a construção de sentidos. Em suma, destaca-se a importância de que a escola assuma, de maneira contínua, o compromisso com a promoção da educação das relações étnico-raciais, incorporando a literatura infantil como eixo estruturante das práticas pedagógicas. Espera-se que este estudo contribua para reflexões e intervenções futuras, reforçando o papel do professor como mediador e da literatura como instrumento de formação humana, social e cultural desde os primeiros anos de escolarização.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Por uma arte de contar histórias. *In*: ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://mec.gov.com.br>. Acesso em: 17 mar. 2026.

CADEMARTORI, Lúcia. O que é literatura infantil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOMES, Nilma Lino. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei nº 10.639/03*. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005a.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a prática pedagógica. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, 2005b.

HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005.

PAULINO, Graça. Mediação da leitura literária. In: PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda (orgs.). A literatura na sala de aula. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 17-33.

REYES, Yolanda. A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.
SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

VIGOTSKI, Lev S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico livro para professores. Apresentação e comentários: Ana Luíza Smolka. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.